

A LÍNGUA INGLESA NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Salete Dubra Paes¹

Resumo: Este trabalho traz reflexões sobre a pesquisa realizada com estudantes de língua inglesa em cursos para jovens e adultos, tendo como base teórica os estudos de Ortiz (2006) sobre a mundialização, além de Freire (2007) e de Bakhtin (1995). O universo da pesquisa são estudantes de nível universitário e de ensino médio, que buscam completar sua formação em língua inglesa para qualificação profissional. Os dados foram coletados por meio de questionários, aplicados aos estudantes, e possibilitaram uma análise sobre as dificuldades vivenciadas pelos alunos na aprendizagem da língua inglesa e o interesse por conteúdos específicos de suas áreas de atuação.

Palavras-chave: ensino de língua inglesa, globalização, qualificação profissional, auto-estima.

Abstract: This work brings reflections about the research conducted with students in English language courses for youths and adults, based on theoretical studies on Ortiz (2006) about globalization, besides Freire (2007) and Bakhtin (1995). The universe of the research is students of secondary and university level, seeking to complete their training in English for professional qualification. The data were collected through questionnaires to the students and allowed an analysis of the difficulties experienced by students in English language learning and interest in their specific content areas.

Keywords: English language, globalization, professional qualification, self-esteem

Introdução

A utilização do computador, e, mais especificamente, da Internet, transformou as relações humanas no mundo inteiro, devido à rapidez de informações veiculadas e às possibilidades infinitas de intercâmbios entre as pessoas. O movimento surgiu na década de 60, quando o sociólogo canadense Marshall McLuhan, primeiro filósofo a discutir as mudanças sociais advindas da revolução tecnológica, trouxe para a nossa cultura a idéia da “aldeia global”. Desde esse período até o final do século, a evolução das tecnologias e sua inserção no cotidiano das pessoas, vêm

¹ Mestre em Educação – Unisantos – Santos, SP - Brasil.

modificando as formas de ver o mundo, de apropriar-se das informações e de produzir conhecimento.

Para Sacristán (2002, p. 71), a globalização significa “o estabelecimento de interconexões entre países ou partes do mundo”, o que possibilita o desenvolvimento das diferentes formas de viver, pensar e fazer. Disso resulta, de acordo com o pensamento de Sacristán (2002, p. 71), a criação de “interdependências na economia, na defesa, na política, na cultura, na ciência, na tecnologia, nas comunicações, nos hábitos de vida, nas formas de expressão” E é também nesse novo mundo globalizado, no qual proliferam as histórias de vida e os conhecimentos produzidos pelos diferentes povos, que se insere o conhecimento da língua estrangeira, como forma de comunicação entre as pessoas.

O domínio da língua inglesa ficou mais evidenciado com a utilização da internet e com a chegada da TV a cabo nas residências, ampliando, assim, seu campo de atuação, o que também interferiu no mundo dos negócios. É consenso entre os povos do mundo todo que o conhecimento dessa língua poderá proporcionar oportunidades de desenvolvimento profissional, acordos na política internacional e nas áreas de importação e exportação. No entanto, a questão que se coloca é se as escolas estão preparando e incentivando os alunos para o conhecimento da língua inglesa.

Aprender uma segunda língua pressupõe motivação e os estudos de Ortiz (2006, p. 20) contemplam essa questão, quando o autor afirma que “uma segunda língua é aprendida unicamente quando o falante estima que pode obter vantagens em utilizar outro idioma, cujo raio de atuação é mais amplo”. Assim, estando inserida no cenário mundializado, a língua inglesa proporciona vantagens aos que dela se utilizam, tendo em vista seu estatuto “de neutralidade”, que funciona, sobretudo, “como meio de comunicação

mais abrangente”, conforme observa Ortiz (2006, p. 21). Fica claro, portanto, que, apesar das possibilidades que a língua inglesa possa oferecer àquele que a domina, o conhecimento de uma segunda língua estará sempre relacionado às motivações do sujeito.

No caso da Baixada Santista, região na qual esta pesquisa se insere, observa-se um movimento significativo em relação às mudanças significativas, que vêm ocorrendo após a descoberta do Pré-Sal. A presença de empresas estrangeiras na região, e os projetos que estão sendo elaborados por essas empresas, os quais envolvem parcerias e intercâmbios, são alguns dos aspectos que apontam mudanças significativas em relação à exigência de profissionais qualificados que tenham conhecimento da língua inglesa para o desempenho de funções ligadas ao Porto e aos avanços tecnológicos trazidos pelas empresas. A formação dos profissionais para atuar nas novas áreas pressupõe que estes tenham o domínio da língua inglesa, o que tem levado muitas pessoas a buscar o aperfeiçoamento do idioma, aprofundando, assim, seus conhecimentos. Enguita (2004) lembra que

[...] A diferença entre uma profissão e um simples grupo de trabalhadores é que aquela se distingue por seu nível de qualificação e, sobretudo, por sua autonomia no processo de trabalho (resultante de sua qualificação ou de outras circunstâncias); duas características que são, cada uma delas, fontes de poder (ENGUITA, 2004, p. 32).

Numa cidade turística e com a importância do Porto, Santos tornou-se pólo de negociações do mundo inteiro. A qualificação do futuro profissional, que visa a formação em uma universidade, e busca conhecer a língua inglesa, tem relação direta com o poder de comunicação e com a abertura para o conhecimento de novas culturas, conforme lembra Sacristán (2002).

O trabalho é resultado da pesquisa que foi realizada no mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos, voltada para a aprendizagem da língua inglesa de alunos jovens e adultos, que estão fora do ambiente da escola há um longo período, e que buscam completar sua formação, seja por iniciativa própria, seja por solicitação das empresas onde trabalham. Parte do pressuposto de que ser professor de língua inglesa, em cursos nos quais predomina a heterogeneidade da faixa etária, as diferentes culturas de alunos com níveis sócio-culturais diferentes e com níveis distintos de conhecimento, é um desafio para o profissional que se defronta cotidianamente com práticas diferenciadas.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou como procedimento metodológico para a coleta de dados, questionários que foram aplicados a estudantes de cursos livres de língua inglesa. O universo do estudo foi representado por alunos de nível universitário e de ensino médio, em cursos que visam o aprimoramento do estudante com vistas à qualificação no mercado de trabalho. Com base nos dados colhidos com as respostas dos participantes da pesquisa, o presente trabalho traz reflexões sobre as percepções dos alunos sobre o aprendizado da língua inglesa, as dificuldades e os desafios de se aprender um idioma estrangeiro nos dias de hoje, considerando as pressões das empresas na qualificação do trabalhador.

Ser Professor de Língua Inglesa: O Papel do Diálogo na Formação

Freire (2009) nos mostra que as práticas estão exigindo novas formas de ensinar e o diálogo e a troca de experiências inserem-se como componentes fundamentais na relação aluno-professor. O diálogo torna-se, assim, um instrumento determinante no ensino da língua inglesa, uma estratégia fundamental para o desenvolvimento do conhecimento do estudante e uma forma de participação colaborativa, que pode ser um

componente importante no desenvolvimento da auto-estima dos alunos. No pensamento de Freire (1997), o processo de educação é dialógico, possibilitando a ambos, professor e aluno, desenvolver suas potencialidades de comunicação e de construção do saber.

O diálogo, utilizado como metodologia na comunicação, pressupõe a mediação entre professores e alunos e entre grupos de alunos entre si. De acordo com Bakhtin (1995), não se trata apenas a comunicação entre duas pessoas, mas envolve interatividade.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1995, p 123).

Freire (1997), por sua vez, nos mostra que o professor deverá estar próximo ao aluno, não apenas de forma “mecânica”, ditando as normas, mas principalmente aberto para aprender com os estudantes e interagir com eles. Canário (2005) também nos auxilia a compreender melhor a relação professor-aluno, ao referir-se à busca do estudante para aprimorar-se e assim melhorar sua condição de trabalho. Para o autor, a “aprendizagem na ação” apresenta-se como um dos caminhos possíveis para a aprendizagem e, sob esse aspecto, as experiências dos sujeitos são também fundamentais no processo.

[...] a aprendizagem corresponde a um trabalho que cada sujeito realiza sobre si próprio. Ao interagir com o mundo que o rodeia, cada sujeito constrói teorias que permanentemente testa através da ação. A articulação entre a informação e a experiência assume um papel central, o que se traduz em considerar cada sujeito como o principal recurso para a sua aprendizagem. A aprendizagem na ação supõe uma atividade de experimentação (CANÁRIO, 2005, p. 70).

A interação entre professor e aluno possibilita a experimentação da linguagem, considerando que o conhecimento também ocorre na troca de experiências, vivenciadas no interior da sala de aula e no mundo do trabalho. Está presente na experimentação de novas palavras e na utilização de expressões técnicas, trazidas pelos alunos, o que pode resultar em trocas significativas para o grupo. O diálogo, utilizado como metodologia na comunicação, pressupõe a mediação entre professores e alunos e entre grupos de alunos entre si. De acordo com Bakhtin (1995), não se trata apenas a comunicação entre duas pessoas, mas envolve interatividade.

A Aprendizagem da Língua Inglesa

A pesquisa buscou conhecer como ocorre a aprendizagem da língua inglesa por alunos trabalhadores, que retomaram os estudos, tendo em vista melhorar seu desempenho na empresa e qualificar-se para atuar em novas áreas. O perfil dos pesquisados, um total de 18 alunos, mostrou que 38,88% são do sexo masculino e 61,12% do sexo feminino. Uma porcentagem de 38,88% dos entrevistados encontra-se na faixa etária de 20-30 anos, sendo que apenas 5,56% estão na faixa acima de 50 anos. No universo pesquisado, há predominância da faixa etária de 30 a 40 anos.

O estudo revelou que os pesquisados que se encontram nessa faixa etária buscam o conhecimento da língua inglesa com objetivo de ascensão profissional, sendo que alguns dentre eles atuam em cargos de chefia e outros têm expectativa de conseguir melhores salários e de ocupar melhor posição dentro do mercado de trabalho. A análise dos dados mostrou que os estudantes pesquisados consideraram que o modelo predominante na escola de ensino médio ou fundamental, em tempos passados não foi adequado para o conhecimento da língua estrangeira, tendo em vista as práticas de memorização. Isso significa que a grande maioria já fez cursos de inglês

durante sua trajetória profissional, porém não possuem domínio do idioma. Um dos sujeitos da pesquisa fez o seguinte depoimento:

Essas práticas são novidade para mim, no estudo do inglês. Anteriormente a matéria era imposta, como receita de bolo. Hoje com esses diálogos, se tornou mais rápida e interessante a fixação da matéria (Aluna C).

A implicação dos sujeitos na comunicação com o outro tem como base o processo cooperativo de interpretação, o que estimula a participação do grupo nas discussões sobre os conteúdos propostos. Sob esse aspecto, o diálogo utilizado como técnica para a aprendizagem da língua inglesa constrói-se no contexto dos comentários efetivos do grupo, na interação dinâmica de duas dimensões: o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo, conforme nos ensina Bakhtin (1995).

Com relação às práticas, os participantes da pesquisa assinalaram a importância de aulas dinâmicas, que envolvam, além da conversação, filmes e leituras. O entrosamento entre os componentes do grupo também foi mencionado, confirmando-se a preferência por grupos pequenos, posto que essa estratégia é facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, e possibilita ao aluno o contato com o professor e maior interação com o grupo. Esse aspecto foi retomado nas respostas, quando os pesquisados mostraram ser fundamental direcionar os conteúdos das aulas às especificidades de suas áreas de atuação, justificando que o cansaço físico e mental, após um dia de trabalho, impede-os de assimilar os diferentes conteúdos como desejariam.

As questões postas pelos sujeitos da pesquisa são relevantes, se pensarmos nas condições de estudo desses trabalhadores, muitos dos quais assistem às aulas nos períodos de almoço ou após o término do trabalho, posto ser esse o tempo dado pelas empresas para a formação continuada dos trabalhadores. Apesar de terem mencionado os incentivos recebidos das

empresas, como a oferta de bolsa de estudos e flexibilização dos horários para frequentar os cursos, os participantes da pesquisa destacaram a importância da continuidade dos estudos, considerando a importância das práticas da língua inglesa em seu cotidiano.

Outro aspecto apontado pelos pesquisados mostrou que, dos entrevistados, 50% acreditam que uma das grandes dificuldades em relação à aprendizagem está relacionada à auto-estima e o fato de os professores acreditarem em seu potencial. Uma porcentagem de 22,22% dos participantes identificou que há fatores facilitadores da aprendizagem de língua inglesa e que a auto-estima facilita o processo ensino-aprendizagem; 5,56% apontaram como fator de auto-estima o clima satisfatório no ambiente de trabalho. Para muitos participantes, o entrosamento, a amizade entre os componentes do grupo são fatores que contribuem para o incentivo e a auto-estima do estudante.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo trazer reflexões sobre a aprendizagem da língua inglesa por jovens e adultos, tomando como dados uma pesquisa que procurou conhecer como as práticas dialógicas podem contribuir para a aprendizagem da língua inglesa. Os resultados mostraram que os alunos buscam o aprimoramento na língua inglesa movidos pelas exigências do mercado de trabalho, considerando que o fenômeno da globalização exige novas habilidades do trabalhador, entre elas, o domínio da língua inglesa. No entanto, o pouco tempo disponível desses alunos que buscam uma formação não-escolar para seu aprendizado, somado a fatores emocionais que dificultam o conhecimento da língua estrangeira fazem com que o professor busque uma metodologia que proporcione ao aluno prazer de estudar e incentive-o ao aprofundamento da língua.

A metodologia utilizada nas aulas pode, segundo os participantes da pesquisa, fortalecer a auto-estima do aluno, que passa a acreditar no seu potencial. Segundo Martins (2001, p. 47), a confiança envolve a disposição para duvidar do medo, para aceitar as oportunidades que a vida oferece, para agir na certeza de que tudo é possível e para crer, mesmo quando seria fácil não crer. Aberto à aprendizagem, à interação com o professor e com o grupo, o estudante poderá inteirar-se da melhor forma de utilizar no cotidiano o que foi aprendido em sala de aula.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

CANÁRIO, R. **O que é a Escola? Um “olhar” sociológico**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 24º ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 30º ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

MARTINS, L.C. **Capital Emocional**. São Paulo: Suma Econômica, 2001.

ORTIZ, R. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SACRISTÁN, J. G. **Educar e Conviver na Cultura Global: As exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.